

## GESTÃO DO CONHECIMENTO: notas pontuais

Luiz Carlos dos Santos

A temática é bastante contemporânea, inclusive já fora objeto de Programa de Pós-Graduação, a exemplo do Mestrado Profissional da Universidade do Estado da Bahia - Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional (PGDR), que possuía duas linhas de pesquisa: Políticas Públicas e Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional e Gestão do Conhecimento.

Recorrendo-se à literatura, constata que o termo conhecimento é definido por Platão como “crença” (NONAKA & TAKEUCHI, 1997); já Grant (1996), define, simplesmente, como aquilo que é conhecido. Corrobora-se com os autores Nonaka & Takeuchi (1997), quando expressam conhecimento como um processo humano dinâmico de justificar a crença pessoal com relação à verdade.

A grande maioria dos autores visualiza o conhecimento como um relevante aliado para a manutenção, diferenciação e crescimento das organizações, quer públicas, quer privadas ou, ainda, entidades sem fins lucrativos. Nesta linha de raciocínio podem ser enquadrados: Alvin Toffler; Peter F. Drucker; Peter Senge; Ikujiro Nonaka e Hirotaka Takeuchi. Assim, Toffler (1995) acredita ser o conhecimento um recurso de suma importância para a economia. Drucker (2001) argumenta que as empresas deverão se converter rapidamente em organizações baseadas em conhecimento para poderem se manter competitivas e, até mesmo, sobreviverem no novo contexto econômico-social. Saliente-se que o maior valor de mercado das empresas em relação ao seu valor patrimonial também revela a importância do conhecimento na economia contemporânea (TERRA, 1999).

De acordo com Takeuchi (1998), o “boom do conhecimento” é visível em toda parte, nos negócios ocidentais da atualidade, em novos livros e revistas especializadas, conferências sobre gestão do conhecimento, serviços de gestão do conhecimento apoiados sobre “base de dados de conhecimentos”, novos cargos nas Instituições, dentre outros aspectos.

Entende-se que o aumento da importância do conhecimento na economia trouxe às organizações e aos seus estudiosos/pesquisadores, além das antigas questões epistemológicas, novas indagações sobre o conhecimento - Como medir ou avaliar o conhecimento? Como as organizações aprendem? Como o conhecimento é adquirido? Como o conhecimento é armazenado? Como o conhecimento é transmitido? Como se cria conhecimento? Portanto,

justifica-se com isso, a relevância no cenário científico e econômico o termo “Gestão do Conhecimento”.

Percebe-se, também, que a expansão da gestão do conhecimento e a subjetividade do objeto a ser gerenciado deram origem a um intenso debate sobre a possibilidade ou não de se gerenciar o conhecimento. Nessa discussão destacam-se duas correntes principais - a oriental ou japonesa e a ocidental. Segundo Nonaka & Takeuchi (1998), a abordagem ocidental é focada principalmente no conhecimento explícito e tenta gerenciar o conhecimento. Já, a abordagem japonesa é apoiada no conhecimento tácito e busca a “criação do conhecimento”. Uma organização não pode criar conhecimento, sozinha, o que ela pode fazer é dar suporte à criatividade dos indivíduos ou prover o contexto para que eles criem conhecimento como assevera Zanluchi apud Takeuchi (1998).

Conforme Sveiby (2001), o conhecimento tem sido gerenciado desde que os primeiros seres humanos aprenderam como transmitir a habilidade de fazer fogo. Muitas das primeiras iniciativas de transferência de conhecimento podem ser chamadas de Gestão do Conhecimento, como, por exemplo: bibliotecas e escolas. Chaparrovi (apud TERRA, 1999), chama a atenção para o fato de que a Gestão do Conhecimento engloba além da gestão da inovação de produtos e processo, a gestão do conhecimento sobre mercados, sobre tendências nos processos de desenvolvimento tecnológico, sobre legislação relacionada à empresa e outros fatores que determinam a vantagem competitiva das organizações.

Infere-se, então, que estão inclusos no tema Gestão do Conhecimento, os assuntos que envolvem: o aprendizado organizacional ou organização que aprende, a gestão e avaliação do capital intelectual ou dos ativos intangíveis, o uso da criatividade nas Instituições, comunicação e transferência de informação nas organizações, além é claro, da própria Gestão do Conhecimento.

A Gestão do Conhecimento como um segmento dos estudos acadêmicos tem proporcionado às organizações uma nova visão dos seus recursos e alertado para a questão da eficiência empresarial a partir de seus “ativos intangíveis”, dos conceitos de conhecimento e Capital Intelectual, como bens econômicos e importantes para o estabelecimento de estratégias competitivas. Contudo, a Gestão do Conhecimento não se esgota na dimensão da eficiência empresarial - ela é algo macro que necessita ser estudada à luz da epistemologia.

Enfim, nesta era do conhecimento requer que as organizações transformem seus ativos intangíveis em valor, competitividade e fatia de mercado; acompanhem e analisem as rápidas mudanças de tecnologia, mercado e competição; formulem políticas de desenvolvimento que gerem crescimento sustentável e vantagens competitivas; estimulem o desenvolvimento

contínuo no ambiente através da aprendizagem, inovação e empreendedorismo; valorizem e incentivem os colaboradores; e muito mais.

### REFERÊNCIAS

ALVARENGA NETO, Ridalva. **Gestão do conhecimento em organizações**: proposta de mapeamento conceitual integrativo. São Paulo: Saraiva, 2009.

DRUCKER, P. F. **O melhor de Peter Drucker**: a administração. São Paulo, Nobel, 2001.

NONAKA, I. & TAKEUCHI, H. **Criação do conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SIMON, H. **Comportamento Administrativo**. Rio de Janeiro: FGV, 1979.

TERRA, Reinaldo Gonsalves. **Globalização e desnacionalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

TOFFLER, Alvin. **Criando uma nova civilização**: a política da terceira onda. Rio de Janeiro: Record, 1995.